

VOCAÇÃO COMO PROJETO E DESTINO: UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER

Alcir Almeida de Souza

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Teologia pelo Centro Evangélico de Missões, graduado em Letras (Literatura) pela Universidade Federal de Viçosa, graduado em Teologia pelo Seminário Teológico do Oeste do Rio de Janeiro e missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, servindo com sua família em Portugal desde 2013. É docente no Seminário Teológico Baptista de Queluz (Lisboa, Portugal).

VOCAÇÃO COMO PROJETO E DESTINO: UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER

Resumo

Este artigo propõe uma análise do conceito de vocação humana segundo a Filosofia do Personalismo de Emmanuel Mounier e indica a sua contribuição na elaboração do sentido de vocação como um chamado a ser pessoa sempre voltada para além de si. Esta afirmação da pessoa é apresentada ainda como uma superação do individualismo, tão demarcado nos dias atuais, que se revela uma tendência de absolutização do Eu e de desenvolvimento da pessoa através de autorrealização absoluta, de um fazer-se a si mesmo.

Palavras-Chave: Vocação. Pessoa. Personalismo. Individualismo.

Abstract

This article proposes an analysis of the concept of human vocation according to Emmanuel Mounier's Philosophy of Personalism and indicates its contribution to the elaboration of the meaning of vocation as a call to be a person always looking beyond oneself. This affirmation of the person is also presented as an overcoming of individualism, so demarcated nowadays, which reveals a tendency of absolutization of the Self and the development of the person through absolute self-realization, of making oneself.

Keywords: Vocation. Person. Personalism. Individualism.

Introdução

"Importa, a todo custo, que façamos alguma coisa de nossa vida. Não o que os outros admiram, mas esse impulso que consiste em imprimir-lhe o Infinito."

Emmanuel Mounier

Na primeira metade do século XX, o filósofo francês Emmanuel Mounier[1] elaborou a sua filosofia do *Personalismo*. [2] Como reação a uma sociedade europeia envolta em duas grandes guerras e caracterizada pelo pessimismo, a banalização da vida e a negação da pessoa, Mounier pretendeu despertar as pessoas para que vivessem com dignidade sua vocação de humanizar-se e humanizar o mundo. Assim, o Personalismo se propõe a “fazer a Filosofia descer das alturas da abstração para a vida concreta; ser um instrumento não só de interpretação, mas também de transformação da realidade. O *Personalismo* é, ao mesmo tempo, filosofia, atitude perante a realidade e ação”. [3]

Na antropologia mounieriana, a pessoa é compreendida como uma realidade dinâmica, em permanente movimento de personalização de si e do mundo, mas sempre sob os riscos da despersonalização.

Dentre estas ameaças está o individualismo. Cabe ressaltar que Mounier entende o valor originário do individualismo como um proposta de re-visão do ser humano, de afirmação da sua dignidade intrínseca e de defesa de seus direitos. [4]

[1] Mounier nasceu em primeiro de abril de 1905, na cidade de Grenoble (França), em uma família de tradição católica. Aos 18 anos seguiu para Paris onde inicia os estudos em Filosofia (Sorbonne). Em 1932 lançou a revista “Esprit” cujo objetivo era despertar uma geração estagnada diante da crise mundial dos anos de 1930. Foi preso em janeiro de 1942 suspeito de pertencer a um movimento contrário à propaganda nazista. Faleceu em 22 de março de 1950.

[2] O Personalismo, como filosofia da ação, foi um movimento em defesa dos direitos humanos, uma busca por respostas aos problemas concretos do seu tempo. Entre as principais obras de Mounier encontram-se “Introdução aos Existencialismos” (1963), “Manifesto ao serviço do personalismo” (1967), “O Personalismo” (1971) e “O compromisso da Fé” (1976).

[3] RAMPAZZO L; DIAS M. J. (org.). **Pessoa, comunidade e instituições na obra de E. Mounier e de Ricoeur**. Campinas: Alínea; 2012, pp. 9,10.

[4] Para um estudo da noção de individualismo nos escritos de Mounier ver, entre outros, ROCHA, A.V.G. **O individualismo e a contemporaneidade: a crítica de Emmanuel Mounier à perspectiva individualista**. Porto Alegre: Intuitio, 3(2), 16-31, 2010.

Porém, no seu estreitamento, acabou por ser tornar

"um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. (...) O homem abstracto, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direcção e nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfianças, cálculos ou reivindicações; (...) É a própria antítese do personalismo e o seu mais directo adversário".[5]

E esta absolutização do Eu é a causa de várias distorções como o esgotamento do outro, a impossibilidade do amor e a obstrução da plena realização humana, gerando, entre outras coisas, desumanização, competição e autoritarismo.

Dimensões antropológicas do ser

Como uma permanência aberta, a pessoa se constitui no que Mounier considera como as dimensões antropológicas essenciais para o existir propriamente humano. São elas a *encarnação*, a *comunhão* e a *vocação*. [6]

Por *encarnação* compreende-se a imersão de cada indivíduo na realidade ou a busca da experiência plena de humanização como fundamento para sua realização como pessoa, contrapondo-se à racionalidade instrumental que operou um divórcio entre a pessoa e o mundo. É, portanto, uma proposta de reencontro, um ato fertilizador da vida.

E este engajamento acentua o dever que todos têm de estar presentes num mundo para além de si. Torna-se uma fidelidade criadora, uma escolha livre que arranca do autocentramento e possibilita construir a personalização de forma responsável e disponível no âmbito individual e comunitário.

[5] MOUNIER, E. **O Personalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1976, pp. 61-62.

[6] MOUNIER, E. **Compromisso da Fé**. São Paulo: Duas Cidades, 1971, pp. 63-64. Pela delimitação do estudo, a dimensão da Vocação será analisada de forma mais abrangente e em interação com as dimensões da Encarnação e Comunhão.

Nesta perspectiva, Mounier critica as narrativas religiosas encharcadas de dualismo que

sustentam certa perfeição cristã que pode ser imaginada, mas não pode ser praticada e da qual muitos tiram lições, mas ninguém transforma em ações. (...) a mínima execução é mais útil que os grandes desejos das coisas afastadas do nosso poder. (...) Nós às vezes nos divertimos tanto em ser bons anjos, que deixamos de ser bons homens ou boas mulheres. E o que será esse desejo angélico senão a melhor astúcia do instinto de imobilidade? [7]

Quanto à dimensão da comunhão, é possível encontrá-la “inserida no próprio coração da pessoa, parte integrante da sua própria existência”. [8] E a comunhão é o cume da comunicação. Sem a comunicação não há comunhão. [9]

Por isso a comunicação é fonte de crescimento pessoal. O outro não é limite, mas fonte do eu, de modo que “o tu e, adentro dele, o nós, precede o eu, ou pelo menos acompanha-o”. [10] Esta dinâmica de retroalimentação é determinante não apenas no processo de crescimento da pessoa, mas também do coletivo, e na construção de caminhos de superação da indiferença, hostilidade e cancelamento.

E este não é um processo automático, mas uma conquista. No âmbito da liberdade e da escolha, acessar o próximo é sempre um desafio duplo: superar o egoísmo e o autocentramento não dialogal e a possibilidade de reificação através do olhar do outro.

Neste específico vale ressaltar a concepção do amor como base. O amor identifica a dignidade do outro e insere-o na dinâmica do encontro e do diálogo. Por ser amor, “é criador de distinções, é reconhecimento e afirmação do outro enquanto outro (...) é a mais forte certeza do homem, o “cogito” existencial irrefutável: amo, logo o ser é, e a vida vale a pena ser vivida”. [11]

[7] *Ibid.*, pp. 73-74.

[8] *Id.*, 1976, pp. 105,106.

[9] *Id.*, 1976, p. 49.

[10] *Ibid.*, p. 64.

[11] *Ibid.*, p. 68.

O conceito de vocação na antropologia mouneriana

O conceito de vocação é central no *Personalismo*[12], pois é entendido como um princípio que define o próprio ser e significa toda a existência.[13] Mas o próprio Mounier alerta que

"esta palavra está gasta pelo uso que correntemente se faz dela. O que se chama "uma vocação" profissional pode entrar, como todo contributo do meu destino, no desígnio geral de minha vocação. Mas então ela aí toma um sentido totalmente outro que não essa feliz adaptação de minhas aptidões que ela significa na boca das pessoas."[14]

A identidade pessoal é construída como resposta a um chamado, ou aos chamados, que interpelam cada ser humano à descoberta de sua vocação. A pessoa, em sua subjetividade, não é a fonte de sentido do ser, mas o *locus* da manifestação deste sentido.

E a resposta a este chamado pressupõe uma forma concreta de estar na vida,[15] ou seja, tornar-se sujeito livre e ativo na sociedade realizando a sua vocação de ser, com o Outro, os outros e para os outros. Para os fins deste estudo, o conceito de vocação na antropologia personalista será evidenciada a partir dos seguintes temas: i) singularidade, ii) unidade e iii) plenitude.

i) Singularidade

Como dimensão essencial da pessoa humana, a primeira ênfase reside na realização da vocação em seu caráter singular, identitário, pois "...toda pessoa tem uma significação tal, que o lugar que ocupa no universo não pode ser preenchido por outra qualquer".[16]

[12] Cf. FERNÁNDEZ, A. **El sujeto ético en el pensamiento de Emmanuel Mounier**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1991.

[13] Mounier relata que a descoberta de sua vocação na juventude foi determinante para a sua vida. Durante um retiro espiritual realizado pela Ação Católica da Juventude Francesa (ACJF), Mounier teve um discernimento "não da vida interior, que graças a Deus, a tive abundante em toda a minha adolescência, mas da verdadeira humildade que eu ignorava e de minha vocação da qual duvidava" (MOUNIER, E. **Introdução aos Existencialismos**. São Paulo: Duas Cidades, 1963, p. 417).

[14] Id., 1971, p. 169.

[15] Por isso que, para Mounier, uma teoria da ação não é um apêndice ao Personalismo, mas seu capítulo central.

[16] MOUNIER, 1976, p. 92-93.

A vocação como *com-vocação* ou, como dito anteriormente, como um chamado à realização de uma condição doada, só é possível à seres concretos, situados na história.

Deste modo, se a vida humana não se realiza para além da existência histórica, a vocação se articula sempre em formas particulares de ser, pois cada pessoa é um sujeito único, distinto.

Este chamamento particular, que ecoa no âmago de uma identidade inconfundível e irredutível, é o que confere a cada pessoa a sua dignidade que, ao olhos daquele que chama, jamais poderá ser anulada. “Na verdade, é certo que a pessoa é o que nunca se repete, mesmo quando as faces e gestos dos homens, caindo sem cessar na generalidade, se copiam desesperadamente à superfície”.^[17]

Esta afirmação de singularidade distancia a pessoa de qualquer lugar ou discurso em que prevalece uma despersonalização coletiva, sem rosto, ou uma espiritualização alienante, sem alma.

Afirmar a singularidade da vocação é superar as tendências de separação, evasão e alienação da pessoa em relação à humanidade. Somente através da “...tomada de consciência da minha vida”^[18] é que possível afastar-se do “nós” despersonalizado e seguir em direção ao “nós” comunitário.

ii) Unidade

Para Mounier, pessoa e comunidade são categorias complementares. É na comunidade que a pessoa encontra seu espaço de realização e vivencia o processo de aprendizagem do tu.

[17] *Ibid.*, p. 98.

[18] *Id.*, 1967, p. 109.

Neste sentido que o Personalismo não pode ser compreendido como

"um avatar do individualismo, pois, se o nós é anterior ao eu, se a vida pessoal não é volta sobre si, mas movimento para e com o outro, para e sobre o mundo natural, para um acima e um além do adquirido, tão fundamentalmente como é recolhimento e interioridade, o Personalismo situa-se nos antípodas do narcisismo, do individualismo, do culto egocêntrico."[19]

Daí a necessidade de um contínuo movimento de interiorização e exteriorização, traços singulares na construção de uma subjetividade aberta. O desenvolvimento da pessoa (voltar-se sobre si) está conectado à capacidade de construir uma comunidade (ser com os outros) como lugar de afirmação das identidades pessoais. "A unidade dum mundo de pessoas só se pode obter na diversidade de vocações e na autenticidade das adesões. É um caminho mais difícil e mais longo que as brutalidades do poder. Seria utópico pensar que poderemos sempre empregá-lo, mas pelo menos deve inspirar as linhas diretas da nossa acção."[20]

Mounier reconhecia o desafio que esta proposta carrega: refazer o tecido social como lugar de libertação da tirania da uniformidade e de afirmação da diversidade. Segundo ele, este lugar social funda-se numa série de atos originais:

1º - Sair para fora de si. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapegar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros. (...) Só liberta o mundo e os homens aquele que primeiramente se libertou a si próprio. Os antigos falavam de luta contra o amor-próprio; nós chamamos-lhe hoje egocentrismo, narcisismo, individualismo.

2º - Compreender. Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida e igual a mim, não conhecer os outros apenas pelo conhecimento geral(...) mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento. Ser todo para todos sem deixar de ser e de ser eu. (...)

[19] SEVERINO, A. J. **Pessoa e Existência**. Petrópolis: Vozes, 1983, p.89.

[20] MOUNIER, 1976, p. 93.

3º - Tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, “sofrer na nossa própria carne”.

4º - Dar. A Força viva do ímpeto pessoal (...) na generosidade e no ato gratuito, ou seja, numa palavra, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. A economia da pessoa é uma economia de dádiva, não de compensação ou de cálculo. A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando ela não recebe nada em troca: (...) Desarma as recusas, oferecendo aos outros um valor aos seus próprios olhos.

5º - Ser fiel. A aventura da pessoa é uma aventura constante desde o nascimento à morte. As dedicações pessoais, amor e amizade só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme (...), mas um contínuo renascimento. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora.[21]

iii) Plenitude

Para Mounier, a realidade humana como permanente busca da libertação de si, da sedução da autossuficiência, do isolamento estéril e da busca desenfreada pelo poder só é possível por que a pessoa possui sede de transcendência.[22] Vocação humana é, portanto, vocação a ser em plenitude. E esta dimensão é evidente para os cristãos, que reconhecem sua vocação como com-vocação do próprio de Deus que “é o Ser supremo, que por amor nos fez existir, não conferindo unidade ao mundo através da abstração duma ideia, mas através duma infinita capacidade para multiplicar indefinidamente esses atos de amor únicos”. [23]

O impulso de crescimento e superação nas várias dimensões da vida como traço de realização pessoal é, por si, um indício deste dinamismo pessoal de sempre ser mais, de ir mais além. Ainda que vivido à sombra do desejo egocêntrico de ter mais, este impulso deve ser experienciado como negação de si como um mundo fechado, suficiente e isolado, e se revelar itinerário para uma verdadeira liberdade, “porque o homem só atingirá plenamente os pontos aonde, inteiro, chegar”. [24]

[21] *Ibid.*, p. 65-67.

[22] *Id.*, 1963, p.162.

[23] *Id.*, 1976, p. 24. Mounier era um filósofo que reconhecia a pessoa de Cristo como sua fonte sentido e a força de seu conagraçamento. Cf. MOIX, C. **O Pensamento de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Paz e Terra, 1968, p.98.

[24] MOUNIER, 1976, p.93.

E se a pessoa humana é um ser irrepitível, por mais que essa sede de plenitude esteja presente em toda a humanidade, em cada um se revela de forma distinta.

Acima das pessoas já não reina a tirania abstracta dum Destino, duma constelação de ideias ou dum Pensamento Impessoal, indiferentes a destinos individuais, mas um Deus que é ele próprio pessoal (...) que “entregou a sua pessoa” para assumir e transfigurar a condição humana, e que propõe a cada pessoa uma relação única em intimidade, uma participação na sua divindade; um Deus que não se afirma (...) sobre coisas arrancadas ao homem.[25]

Vocação e(m) comunidade

Como afirmado acima, a pessoa só se completa com a dimensão de comunidade. A família, experiência primeira de socialização de uma criança, tem a função de ser “ponto de articulação do público e do privado, de unir certa vida social com uma certa intimidade. Socializa o homem e interioriza costumes. Pelo seu papel de mediação é o centro capital do universo pessoal”.[26]

Como ser de relação, a pessoa continua seu desenvolvimento nas variadas experiências comunitárias, que não correspondem a um mero contrato social mas dizem respeito a própria condição humana. Nenhuma pessoa pode se definir no autofechamento e no isolamento.

Nestas experiências de socialização ao longo da vida é possível, e necessário, estabelecer distinções entre uma comunidade, em seu sentido pleno, e um simples agrupamento de pessoas. Não pode ser assumido como *com-unicidade* um ajuntamento de pessoas que apenas devem reproduzir sentidos e opiniões recebidas, numa massificação de ideias, cujos ideais e propósitos são apenas um “eco”, uma ressonância, de uma liderança. Ou grupos em que prevalece uma instrumentalização das pessoas, uma automação das ações, onde o fazer sobrepõe-se de forma estéril ao ser a fim de alimentar uma engrenagem despersonalizadora, mas “lucrativa”.

[25] *Ibid.*, pp. 24,25.

[26] *Id.*, pp. 186-187.

E, ainda, uma coletividade que almeja unidade tendo como principal custo o apagamento das individualidades e não a escolha livre de pessoas solidamente constituídas. Um espaço em que vigora uma tendência ao anonimato e não a co-existência da liberdade, da responsabilidade e da comunicação.[27]

Mesmo consciente de que, por vezes, a construção de um tipo de convivência que supere estes desafios pareça algo utópico, Mounier já asseverava que

o profundo movimento da existência humana não tende a assimilar-se a generalidade abstracta da natureza ou das Ideias, mas a transformar o 'coração do próprio coração' (metanoia) para que nele se introduza e sobre o mundo irradie um Reino transfigurado. O segredo de nossos corações, onde se decide, por opção pessoal, essa transfiguração do universo, é domínio inviolável, que ninguém pode julgar, e que não é conhecido por ninguém, nem pelos anjos, mas somente por Deus.[28]

Considerações finais

Este estudo sugere a noção de vocação humana na antropologia personalista de Emmanuel Mounier como um recurso para a reflexão sobre o sentido da vida humana em tempo de extremado individualismo, especialmente por sua relevância e atualidade.

A primeira inferência é de que a vida não é algo que a pessoa recebe já pronta, pois sua potencialidade está no movimento, em ser conduzida por novos caminhos, em atravessar novas fronteiras. Determinante nos rumos que a pessoa dá à vida está a tomada de consciência de sua vocação a *ser*. Nos dias atuais, é necessário combater a ideia de que esta é uma “graça” concedida a poucos e privilegiados, mas sempre será uma conquista oferecida a todos.[29]

[27] ROCHA, 2010, p. 27. O sociólogo norte-americano Robert Bellah alerta para outro grande risco à vivência comunitária genuína: “...estamos nos encaminhando para uma validação ainda maior da sacralização do indivíduo, [...] nossa capacidade de imaginar uma estrutura social que mantenha as pessoas unidas está desaparecendo” (BELLAH, R. "Is There a Common American Culture?", disponível em: <www.rober-tbellah.com/articles_6.htm>)

[28] MOUNIER, E. 1976, p. 25.

[29] Id., 1967, p. 105.

Outro aspecto é que esta consciência de ser, para além de si, ocupa um lugar essencial na tarefa de realizar escolhas. Quando a pessoa está no caminho de decifrar a sua vocação, torna-se capaz de rever suas pretensões relativas (interesse, aceitação ou sucesso) e, neste sentido, a pessoa é a própria gratuidade.[30] Sua ocupação, seja ela qual for, passa a ser vista como um serviço a Deus no mundo, ao mundo, e a sua realização transcende a dimensão do meramente útil, pois “não sou simplesmente o que faço, o mundo não é somente o que quero”.[31]

Por fim, as ações que materializam estas escolhas deverão ser sustentadas pela liberdade, pela opção existencial aos riscos da independência em vez da “escravidão” da segurança, da autopreservação. A realização pessoal e a felicidade deverão ser assumidas como parceiras de uma vida pautada na doação de si, na consciência de que o supremo valor da vida não é a própria sobrevivência.

[30] Id., 1976, p. 93.

[31] Id., 1976, p. 109.

Referências

AMORIM, L. C. V. **Pessoa e Comunidade: O Individualismo Religioso Contemporâneo Face ao Personalismo de Emmanuel Mounier e ao Aspecto Comunitário da Teologia de Karl Barth**. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Teologia, 2010.

BELLAH, R. **Is There a Common American Culture?**, disponível em: www.robertbellah.com/articles_6.htm> Acesso em: 20 de Jun/2022.

FERNÁNDEZ, A. **El sujeto ético en el pensamiento de Emmanuel Mounier**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1991.

MOIX, C. **O Pensamento de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

MOUNIER, E. **Introdução aos Existencialismos**. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

_____. **Manifesto ao Serviço do Personalismo**. Lisboa: Moraes, 1967.

_____. **O Compromisso da Fé**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. **O Personalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

PRIETO, X. M. **Vocación y crecimiento de la persona**. *Revista Acontecimiento*. No 54. Disponível em: < <http://www.mounier.es/revista/pdfs/054033036.pdf>> Acesso em: 20 de Jun/2022.

RAMPAZZO L.; DIAS M. J. (org.). **Pessoa, comunidade e instituições na obra de E. Mounier e de Ricoeur**. Campinas: Alínea, 2012.

ROCHA, A.V.G. **O individualismo e a contemporaneidade: a crítica de Emmanuel Mounier à perspectiva individualista**. Porto Alegre: Intuitio, 3(2), 16-31, 2010.

_____. **As noções de pessoa e vida pessoal em Emmanuel Mounier: fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização**. 2011. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVERINO, A. J. **Pessoa e Existência**. Petrópolis: Vozes, 1983.

VALLEJO, J. M. B. **Sobre la Idea de acción en el personalismo mounieriano: ser antes que hacer**. Costa Rica. Revista de Ciencias Sociales. Vol. I, no 95, 2002.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022